



## PERFIL

## Gigi Barreto / CENÓGRAFA E DIRETORA

Responsável pelo cenário de Adriana Calcanhotto, de volta hoje ao Circo Voador, carioca que virou referência em trabalhos para Bethânia, Alcione, Ivete Sangalo e Baco Exu, fará curadoria de um quiosque de arte no Arpoador e vai dirigir Roberta Sá e Matheus VK

## Força, foco e fé.

“Quero o dinheiro na mão de mulheres, gays, negros. Não adianta escolher projetos que falem de questões humanas e não agir distribuindo o valor do trabalho para quem precisa”, diz Gigi Barreto



## A DISCÍPULA DE HELIO EICHBAUER QUE GANHOU A CENA

MARIA FORTUNA  
mariafortuna@oglobo.com.br

**G**igi Barreto já fez até chover no sertão. Foi no show “Milagreiro”, em que Djavan homenageou sua terra natal, Alagoas, em 2002. Para provocar a ilusão do milagre da chuva na seca nordestina, a cenógrafa criou uma cortina de canetas Bic. Quando a luz de Maneco Quinderê batia sobre o acrílico, provocava a ilusão de pingos caindo.

No verão da geosmina, água também não faltará no show “Margem”, de Adriana Calcanhotto, que faz a última apresentação da turnê hoje, no Circo Voador. Para o espetáculo, em que a cantora surfa num repertório marítimo, Gigi esticou um pano azul de sete metros de altura em forma de uma grande e única onda. É mergulhado nela que o público assiste à apresentação.

Proporcionar a imersão da plateia no imaginário do artista por meio dos cenários que cria é um dos pontos fortes desta carioca de 44 anos. Eles não têm sido poucos. O nome de Gigi figura na ficha técnica de Alcione, Ivete Sangalo, Duda Beat, Baco Exu do Blues, Vanessa da Mata, Larissa Luz e muitos outros. Também são dela os cenários do “Poesia e prosa”, programa de Maria Bethânia no Arte 1; da Shakespeare House, que homenageou o bardo na Flip de 2016; de três edições do “Globo de Ouro”, no Canal Viva!; e das peças da Cia. Buraco da Lacraia.

Ano passado, Gigi também

assinou a direção do show da rapper Gabz no Rock in Rio. Agora, vai dirigir Matheus VK em “Fervo” e Roberta Sá em “Vem, me abraça e me beija”, dois shows ainda inéditos. Também será uma das curadoras do quiosque que o projeto Alalô inaugura na calçada do Arpoador em maio.

## BARATO, PEQUENO E LEVE

O processo de criação, que deságua em croquis feitos à mão e em maquetes antes de se materializar nos palcos, começa com um longo papo.

— Sento com o artista e o deixo falar. Presto atenção no que ele quer me dizer e também no que não quer — conta ela. — Tento captar onde está a essência do que ele quer transmitir e transformar esse sentimento em plasticidade. Meu desejo é provocar emoção.

Com Adriana, o desafio não era pequeno. Além da recomendação para que o cenário fosse barato, coubesse numa mala e somasse apenas 23 quilos, para não pesar na bagagem, Gigi recebeu a missão de continuar um trabalho iniciado por Helio Eichbauer

(1941-2018). O artista, com quem a cantora tinha uma parceria de anos, foi o responsável pela cenografia dos dois shows anteriores da gaúcha (“Marítimo” e “Maré”).

— O esforço foi para não chateá-lo — brinca Adriana.

Não só isso. Gigi gastou muita lábia para fazê-la desistir de usar as formas geométricas (“não dá para racionalizar mar, né?”) que povoavam sua ideia. A cenógrafa tinha como trunfo o fato de ser discípula de Helio, com quem havia trabalhado no show “Sim”, de Vanessa da Mata, em 2007. E, aos poucos, transformou a desconfiança de Adriana em cumplicidade.

— Gigi é culta, inteligente e tem humor. Seu alto padrão estético contamina as pessoas e isso eleva o nível geral. Estou feliz de o cenário de “Margem” ter sido criado por ela — elogia a cantora.

Quem também se identificou com o estilo Gigi foi Alcione. As duas trabalharam juntas no show “Boloros”, em 2016.

— Com ela, as coisas funcionam meio que por mediunidade — define a Marrom. —

Ela faz com que tudo que a gente sonhou combine.

Celso Athayde, fundador da Central Única de Favelas, com quem Gigi fez edições do Prêmio Hutúz e agora prepara o Prêmio Pretos Empreendedores, destaca sua capacidade em circular por variadas propostas e orçamentos.

— É uma “poliglota” capaz de fazer produções internacionais milionárias e produções nas favelas usando apenas a criatividade — diz ele.

## ‘BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA’

Filha de um ambulante nordestino e uma carioca que largou o Exército para vender cachorro-quente ao lado do parceiro, Gigi é cria da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Trabalhou por seis anos com Gringo Cardia e passou pelas mãos de Rubens Gerchman (1942-2008), na peça “Relicário de Rita de Cristal” (2005). Mas foi Helio (“a biblioteca de Alexandria com pernas”) quem a encorajou a virar autora de sua própria história e narrativas.

— Eu estava grávida de oito meses, e Helio me disse: “É um absurdo continuar assistente. Está preparada para botar a cara a tapa, vai se tornar mãe” — lembra ela, que abriu seu estúdio em 2010. — Eu achava que era impensável. Se a estrutura do patriarcado que a gente vive hoje é violenta, imagina há dez anos? Não tinha ousadia de pensar que pudesse seguir uma carreira solo num ambiente predominantemente masculino.

Hoje Gigi tenta transformar

a estrutura do modelo tradicional de trabalho ao seu redor. Com equipe formada por mulheres, gays, negros e transexuais, ela diz buscar relação profissional igualitária e movimentar a máquina num *modus operandi* feminino.

— Quero o dinheiro na mão das mulheres, dos gays, dos negros. Não adianta escolher projetos que falem de questões humanas e não agir distribuindo o valor do trabalho para quem precisa — defende ela, criada por uma babá travesti que organizava shows e oficinas de costura em sua casa. — O feminismo cura e é uma nova forma de atuar no mundo. Não me interessa o modo de fazer patriarcal, opressor, excludente. Procuo tornar o processo acolhedor. E a arte é terapia e remédio para ressignificar o mundo atual.

Não à toa, Baco Exu compara a relação de Gigi com seus trabalhos com a “de uma mãe protegendo seu filho”.

— Ela se preocupa, sorri, chora, se estressa, se acalma, vive o processo com todas as forças.

Outras preocupações são a sustentabilidade dos cenários (Gigi doou, para que fosse reaproveitado, todo o material usado no projeto “Amores acústicos”, com Ivete, Silva e Jota Quest) e a afirmação de suas posições. Quando o presidente Jair Bolsonaro atacou o cacique caiapó Raoni, no ano passado, ela tratou de estampar o rosto do indígena em uma instalação na Virada Sustentável do Parque Lage.



**Momentos.** À esquerda, apresentação de Gilberto Gil no programa “Globo de Ouro” do Viva! em 2014; ao lado, a imagem do cacique Raoni na Virada Sustentável do Parque Lage, no ano passado